

5. Conclusão:

A metafísica da linguagem que propomos como tema de nosso trabalho no interior do *De Magistro* de Agostinho é sem dúvida um problema ainda inconcluso. O livro levanta questões pertinentes no âmbito do pensamento filosófico. Nesse sentido, não poderíamos encerrar o trabalho afirmando que toda a questão foi analisada, mesmo assim, percorri o caminho que julguei necessário para elucidar o tema levantado.

No capítulo primeiro que tratou da questão do *De Magistro*, investigamos o livro em suas nuances devido à dificuldade de um estudo sistemático. Assim, foi necessário iniciar o trabalho elucidando o próprio livro, pois este possui todo um movimento dialético muito peculiar que dificulta sua análise. Não concordei com a divisão proposta pelos tradutores do diálogo, pois, inicialmente, o próprio *De Magistro* não possuía essa divisão, assim, propus uma nova divisão do diálogo que funcionou também como um sumário do livro apresentando de modo sucinto todas as questões expostas no *De Magistro*. Além disso, fiz um levantamento histórico mostrando o contexto no qual o livro teve sua gênese e quais foram as intenções do autor, a educação do filho, que não podem ser deixadas de lado em momento algum.

Mesmo fazendo um levantamento de todo o contexto de como o diálogo surgiu, e adentrando o interior dos argumentos propostos pelo santo, foi necessário frente a isso encontramos as fontes filosóficas dele. Assim, empreendemos em nosso trabalho, no capítulo segundo, um levantamento das fontes filosóficas inerentes ao *De Magistro*. Uma delas sem dúvida foi Platão, mas ao investigar mais profundamente encontramos outras tão importantes quanto, tais como: Cícero, os Estóicos, dentre outros. Dentre todas as fontes de Agostinho as Sagradas Escrituras é a mais importante, as demais somente são instrumentos para elucidar sua religião cristã. De Platão, Agostinho tem uma questão que lhe é cara não só no *De Magistro*, como também, em outras obras posteriores a questão da *anamnesis*. Dedicamos um tempo

de nosso trabalho em mostrar a questão da *anamnesis* como aparece em Platão, e vimos que essa mesma questão aparece descrita por Cícero em sua obra *Tusculanes*. Ao expor a *anamnesis* de Platão muitos caminhos interpretativos foram abertos. Deixei para analisá-la no capítulo terceiro, que trata da interioridade da verdade, onde o tema da *anamnesis* poderia se desenvolver com mais amplitude. Ainda restaram os estóicos, nos quais por meio dos escritos dos cétricos, temos uma interpretação do signo lingüístico, o mnemônico, muito próximo do pensamento de Agostinho. A própria definição de signo que Agostinho propõe como sendo para recordar algo, formulada no início do diálogo: “*Há todavia, creio, certa maneira de ensinar pela recordação, maneira muito valiosa, como se demonstrará nesta conversação.*”¹. Essa maneira muito valiosa, sem dúvida, Agostinho tomou de empréstimo não somente de Platão com a questão da *anamnesis*, do ponto de vista do aprendizado via recordação tal como exposto em Cícero, como também, ao propor que a finalidade do signo serve para suscitar recordações nos outros e em nós mesmos.

Percorrido esse caminho das fontes partimos para um estudo mais aprofundado da interioridade em Agostinho, tema importante para qualquer estudo acerca da obra do santo. Como nosso tema foi a análise da questão da metafísica da linguagem, o caminho da interioridade se tornou crucial para o estudo. A constatação de que a verdade reside no interior do homem é uma das questões principais do pensamento de Agostinho. A *anamnesis* platônica que discutimos anteriormente aparece nesse contexto, pois a marcha para interioridade se funda em muito na questão da reminiscência platônica, emergindo nesse contexto alguns problemas tais como a questão da transmigração das almas e do inatismo. Nesse ponto particular um dos problemas que emergiu no estudo foi precisamente a questão do inatismo, devido à forte influência das fontes pagãs em Agostinho, dado que o mesmo ainda estava iniciando seus escritos. Ainda nos faltou a memória que se afigura nesse contexto como algo de suma importância, pois o *De Magistro* apresenta concomitante a um estudo da linguagem, um estudo sobre a questão do conhecimento, ou seja, a memória foi um elemento importante em nosso estudo, pois ao propor que existe uma forma de conhecimento via memorização, isto é, um reconhecer algo antes

¹ DM I,1

conhecido, em algum lugar esse conhecimento está armazenado, esses lugares são os “vastos palácios da memória”. Na memória se encontram então todos os conhecimentos armazenados, mas para além de todos esses conhecimentos, cujo aparecimento Sto. Agostinho não consegue explicar.

De todos os problemas levantados acerca da interioridade da verdade no capítulo quarto e último de nosso trabalho, ainda existiam certas perguntas a serem esclarecidas, uma vez que o conhecimento se processa na interioridade e que existe uma relação transcendente entre a criatura e o criador, no qual o conhecimento sensível possui validade. De que ordem é essa comunicação? Metafísica, sem dúvida, ao propor a iluminação no interior do homem via transcendência, Agostinho abre caminho para uma série de interpretações acerca da validade de sua doutrina. Nesse sentido, ao propor a Metafísica da Linguagem como tema do estudo do quarto capítulo, o primeiro item em pauta sem dúvida é a doutrina da iluminação, ou seja, a verdade no interior do homem é Cristo, que “ilumina”, por meio de uma “luz” de ordem transcendente no homem. Vários interpretes² modernos e antigos de Agostinho entenderam essa questão em variadas vertentes, uns defenderam um Ontologismo, isto é, a alma vê as idéias divinas, por outro lado, alguns defendem o Abstracionismo, que consiste que a luz intelectual, ou mestre interior, coincide com o “intelecto agente” de Aristóteles e Tomás de Aquino. Essa questão acerca da identidade entre o “intelecto agente” é uma suspeita que, em detrimento aos nossos estudos das fontes, se afigura como uma contradição frente à influência de Platão, mas a despeito das suspeitas levantadas, ainda comungo com a interpretação de **Gilson**³, de que a doutrina da iluminação e conseqüentemente do mestre interior consiste numa solução dada por Agostinho não da maneira pela qual obtemos conceitos, mas da segurança da verdade de nossos juízos. Há uma meta-linguagem entre Cristo e o homem interior, mas então, qual a necessidade das palavras? O valor das palavras, no *De Magistro*, é somente este, o de advertir e lembrar a mente a buscar a verdade não na exterioridade, mas na interioridade. Essa busca da verdade no *intus* do homem é algo

² Como vimos no capítulo IV os defensores das diversas correntes de interpretação da doutrina da iluminação, por exemplo: **Malebranche** na questão do Ontologismo e **Boyer** que defende o Abstracionismo,

³ GILSON, E.: **Introduction a l'Étude de saint Augustin**, p.144

que perpassa toda a obra do *De Magistro*, e é o que Agostinho pretende mostrar ao filho que ainda acredita possuir um mestre exterior. Um trecho do *De Magistro* nos é muito esclarecedor:

No que diz respeito a todas as coisas que compreendemos, não consultamos a voz de quem fala, a qual soa por fora, mas a verdade que dentro de nós preside à própria mente, incitados talvez pelas palavras a consultá-la. Quem é consultado ensina verdadeiramente é este Cristo, que, segundo alguém afirmou, habita no homem interior, isto é a virtude incomutável de Deus e a sempiterna Sabedoria que toda alma racional consulta...⁴

Consultar a voz que soa no interior é sem dúvida uma prova que Deus, em Agostinho, se comunica com o homem na terra, isto é, possuímos uma centelha divina em nosso interior, o que garante a verdade de nosso conhecimento. Agostinho se vale das Sagradas Escrituras em sua interpretação, principalmente por meio do Evangelho de S. João, onde afirma que o Verbo vem ao mundo para iluminar todo o homem. Nesse sentido, ao buscar por meio da razão nos filósofos antigos alicerces para vislumbrar melhor o ensinamento Bíblico.

⁴ DM XI,38